

ONDE ESTÁ O ÍNDIO KAINGANG NO SUDOESTE DO PARANÁ?

Aline da Rocha Cavalheiro

Mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Regional (PPGDR) da Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR), Campus de Pato Branco. E-mail: a_linecavalheiro@hotmail.com

Antonio Cavalcante de Almeida

Doutor em Ciências Sociais pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP) e professor de Sociologia do Instituto Federal Catarinense – IFC Campus Luzerna, Santa Catarina. E-mail: antoniocavalcant@hotmail.com

Miguel Ângelo Perondi

Doutor em Desenvolvimento Rural (UFRGS) professor do Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Regional (PPGDR) da UTFPR – Campus Pato Branco. E-mail: miguelangeloperondi@gmail.com

RESUMO

Trata-se de um estudo qualitativo com observação direta que teve como objetivo identificar a presença e a articulação dos indígenas Kaingang do Sudoeste do Paraná fora das Terras Indígenas (TIs). A pesquisa foi realizada na Terra Indígena Mangueirinha, por ser a mais populosa e estar mais próxima dos polos de desenvolvimento da mesorregião, utilizando a técnica de roteiro de perguntas abertas e diário de campo. Constatou-se que os indígenas sentem-se desvalorizados pela sociedade envolvente, e que as principais atividades desenvolvidas por eles na região são como funcionários nas empresas, no comércio, nas escolas e nas prefeituras, e como estudantes de curso superior nas faculdades e universidades. O fato de as TIs manterem uma relação de troca sociopolítica, especialmente quando se trata da mesma etnia, faz-nos crer que os resultados evidenciados por este estudo na TI Mangueirinha se reproduzem nas demais. Deste modo, pode-se dizer

que o índio Kaingang está presente nas áreas econômicas e educacionais do Sudoeste do Paraná, contribuindo com o seu desenvolvimento e beneficiando-se dele para o próprio desenvolvimento Kaingang.

Palavras-chave: Índio, Kaingang, populações indígenas.

DOI n° 10.5935/1981-4747.20180002

Recebimento: 27/10/2015

Aprovação: 07/03/2018

WHERE IS KAINGÁNG INDIAN IN SOUTHWEST PARANÁ?

ABSTRACT

It is a qualitative study with direct observation aimed to identify the presence and articulation of indigenous Kaingang the Southwest Paraná out of Indigenous Lands (TI's). The survey was conducted in Indigenous Mangueirinha, being the most populous and be closer to the middle region development centers, using open questions script technique and field diary. It was found that the Indians feel devalued by the surrounding society, and that the main activities developed by them in the region are as employees in companies, commerce, schools and municipalities, and as college students in colleges and universities. The fact that IT's keep a list of socio-political change, especially when it comes to the same ethnic group, makes us believe that the results shown by this study in IT Mangueirinha reproduce in the other. Thus, it can be said that the Indian Kaingang is present in economic and educational areas of southwestern Paraná, contributing to its development and benefit from it for their own development Kaingang.

Keywords: Indian, Kaingang, indigenous populations.

1. INTRODUÇÃO

Dados do Instituto Socioambiental – ISA (2015) indica a existência de 243 povos indígenas no Brasil e 150 línguas faladas entre eles. No entanto, dados mais atuais da Fundação Nacional do Índio – Funai (2015) afirmam que há 305 povos indígenas no Brasil, que somam aproximadamente 817.963 pessoas, e entre eles são faladas em torno de 274 línguas nativas, sendo que 17,5% desta população não falam a língua portuguesa. Cada um destes povos tem características culturais e cosmológicas próprias, o que os difere entre si e dos não-índios, principalmente.

Os Kaingang constituem, atualmente, uma população aproximadamente de 33.064 indígenas, que estão localizados entre São Paulo e os três estados do Sul - Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul. (ISA, 2015).

Desde a chegada dos colonizadores europeus, muitas populações indígenas foram reduzidas, e a grande maioria foi dizimada, pois, estima-se que antes de 1500 havia mais de 1000 povos indígenas espalhados pelo Brasil. Desde o primeiro contato com a sociedade envolvente¹ as diversas culturas indígenas passaram por várias transformações, visto que a influência forçada do europeu – que impôs sua cultura ocidental baseando-se na visão eurocêntrica – induziu a hibridação² cultural desses povos, que por muito tempo ficaram a

¹ Entende-se por sociedade envolvente o conjunto de populações que residem no meio urbano ou rural regido pela racionalidade etnocêntrica e capitalista, a qual despreza as sociedades tradicionais, seus conhecimentos e sua cultura, buscando constantemente uma hegemonia social. No entanto, é preciso ressaltar que não se estende tal definição a todos os indivíduos particularmente, mas ao sistema em geral, regido pelo Estado e por algumas instituições privadas detentoras de poder político (MARACCI, 2008).

² Considera-se aqui o conceito de Nestor Canclini (2008), que define hibridação como “processos socioculturais nos quais estruturas ou práticas discretas, que existiam de forma separada, se combinam para gerar novas estruturas, objetos e práticas.” (CANCLINI, p. XIX).

ONDE ESTÁ O ÍNDIO KAINGANG NO SUDOESTE DO PARANÁ?

míngua do homem branco, levando muitos estudiosos a crerem que o tempo levaria os indígenas à integração ao Estado nação e possivelmente à extinção enquanto povos nativos distintos (FUNAI, 2015).

No entanto, a partir dos anos 1990 as populações indígenas começaram a demonstrar crescimento, sendo que o Censo de 2010 apontou aumento populacional indígena de 46% em relação ao Censo de 2000, o que pode ser atribuído ao fenômeno chamado de “etnogênese”, em que um povo deixa de assumir sua identidade étnica em determinado momento histórico e, posteriormente, por razões histórico-político-sociais diversas, consegue assumi-la novamente, recuperando aspectos culturais de sua etnia (IBGE, 2012).

Assim, dados da Funai (2015) apontam para um aumento significativo de indígenas residindo no meio urbano brasileiro, que hoje representam 38,5% da população indígena total. Esse contato entre índios e não-índios acontece desde os primeiros anos de colonização, sendo atualmente mais intenso em algumas regiões brasileiras, como é o caso do Sudeste e Sul do Brasil. Além da parcela da população que reside nos centros urbanos, há ainda aqueles que residem nas TIs e exercem atividades fora, contribuindo para o desenvolvimento regional.

Garlet e Bellini (2009) argumentam que os Kaingang vêm mantendo certa dualidade cultural. Partilham das relações e dos hábitos de vida ocidentais na medida em que precisam recorrer aos recursos urbanos da sociedade envolvente para fins de saúde, educação, trabalho e alimentação, contudo, mantém internamente suas crenças, costumes, leis e valores diferenciados de relações indígenas.

Ao reconhecer o formato atual de relações interétnicas entre índios e não-índios rompe-se com aquela visão romantizada que a sociedade em geral tem dos indígenas, de homens e mulheres “selvagens” que vivem em ocas e ainda utilizam arcos e flechas para conseguir seu alimento. Para tanto, é preciso explorar um campo ainda pouco estudado que é o envolvimento e a participação política dos indígenas nos centros urbanos e o envolvimento constante deles com a sociedade nacional.

Neste sentido o presente estudo teve como objetivo identificar e analisar a presença e a articulação dos indígenas Kaingang do Sudoeste do Paraná fora das TIs, tendo como ponto estratégico para a coleta de dados a Terra Indígena Mangueirinha, por ser a mais populosa e estar mais próxima dos polos de desenvolvimento da mesorregião.

2. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Trata-se de um estudo qualitativo com observação direta. De acordo com Richardson (1999) os dados de natureza qualitativa buscam descrever a complexidade de um problema,

analisar a interação de variáveis, compreender e classificar processos e contribuir para mudanças em determinados grupos sociais. A observação foi realizada seguindo alguns parâmetros metodológicos de Malinowski (1978), pai do método de observação participante, com o seu livro “Argonautas do pacífico ocidental: um relato do empreendimento e da aventura dos nativos nos arquipélagos da Nova Guiné Melanésia”, onde descreve minuciosamente a sua metodologia etnográfica. Utilizar o método de observação participante permitiu enriquecer o trabalho com informações cotidianas que são fundamentais para compreender não só a existência de determinado fenômeno, mas também os motivos que levam a sua existência, e para tanto, Malinowski considera que:

As peculiaridades sutis, que impressionam enquanto são novidade, passarão despercebidas à medida que se tornem familiares. Outras, ao contrário, só se evidenciarão no decurso de um conhecimento mais profundo das condições locais. Um diário etnográfico, levado a cabo sistematicamente ao longo do tempo de trabalho numa região, seria o instrumento ideal para este tipo de estudo (MALINOWSKI, 1978, p. 33).

A população entrevistada para obtenção dos dados foi constituída por cinco indígenas Kaingang da TI Manguairinha, localizada entre os municípios de Coronel Vivida, Chopinzinho e Manguairinha, no Sudoeste do Paraná.

A Terra Indígena Manguairinha é de posse dos Kaingang desde 1903, pelo Decreto nº 64 de 02/03/1903, contudo, nela também habitam indígenas Guarani, em uma aldeia cedida a eles pelos Kaingang. A área total da TI é de 16.376 hectares, sendo que destes 8.975,76 hectares estão sub judice e é na TI Manguairinha que se concentra a maior área de preservação da Araucária angustifolia (Pinheiro nativo) do mundo (CASTRO, 2011).

A opção de realizar a pesquisa na TI Manguairinha se deu pelo número populacional, que segundo o Portal Kaingang (2015) atualmente é de 1500 indígenas do povo Kaingang, a mais populosa do Sudoeste do Paraná, e também pela proximidade que existe entre a área indígena e os centros urbanos, como se pode perceber no mapa um, a seguir

ONDE ESTÁ O ÍNDIO KAINGANG NO SUDOESTE DO PARANÁ?



Mapa 1- Localização da TI Mangueirinha no Sudoeste do Paraná.

Fonte: Almeida (2013).

A região central da imagem de satélite, destacada em verde escuro pela vegetação, corresponde à delimitação da TI Mangueirinha, as linhas brancas representam as fronteiras municipais, as azuis representam os rios e as amarelas representam as rodovias. Percebe-se que, além da proximidade com as cidades de Mangueirinha, Chopinzinho e Coronel Vivida há duas importantes rodovias que passam dentro da TI, facilitando a locomoção dos indígenas.

Para a coleta dos dados utilizou-se da técnica de roteiro de perguntas abertas e de diário de campo. As visitas a TI tiveram início em Abril de 2015, quando se obteve o consentimento do atual cacique, Milton Alves, que reside na Aldeia Sede da TI Mangueirinha. A partir de então foram feitas mais cinco (05) visitas, nas quais foi possível realizar a observação participante e aplicar as perguntas do roteiro.

A escolha dos entrevistados foi aleatória e o número foi definido conforme o método de saturação dos dados, quando se chega a um “ponto em que não é obtida nenhuma informação nova e é atingida a redundância”, conforme Polit, Beck e Hungler (2004, p. 237).

Para complementar as respostas obtidas o diário de campo foi fundamental, pois, nele foram transcritas todas as informações obtidas por observação de campo e por meio de conversas informais com indígenas.

3. ORGANIZAÇÃO SOCIAL E POLÍTICA KAINGANG

Os Kaingang fazem parte da família Jê, do tronco linguístico Macro-Jê, assim como outras etnias indígenas, como os Bororos e os Krenak, entre outros. O termo Kaingang pode ser encontrado em diferentes formas de escrita, uma vez que, o contato com o não-índio e com instituições sociais não-indígenas ao longo da história propiciou muitas variações na grafia: Caingang, Kaingangue, Kaingáng e Kaingang³. O primeiro a utilizar este termo foi Camilo Lellis da Silva, em 1849, para referir-se ao grupo étnico que encontrou em expedição nos Campos Gerais e de Guarapuava, e, posteriormente, o advogado e político Carlos Augusto de Carvalho formalizou o uso no Catálogo Oficial (ALMEIDA, 2013).

O território ocupado pelos Kaingang antes da colonização europeia não foi bem delimitado, sabe-se que eles concentravam-se nos três estados do sul, Rio Grande do Sul, Santa Catarina e Paraná, e também em São Paulo. Os Kaingang ocuparam esse território depois da colonização espanhola e portuguesa, a qual dizimou boa parte dos Guarani que já se encontravam ali muito antes de sua chegada, logo, os Kaingang foram sucessores dos Guarani (PIRES, 1975).

Almeida (2013) ressalta que, ao longo da história, os Kaingang demonstraram envolvimento social estratégico com os não-índios, em determinados momentos lutando contra os colonizadores que tentavam apossar-se de suas terras, e em outros, formando alianças sociais e políticas como forma de proteção de seus direitos e de seu território. Tais estratégias foram sendo aperfeiçoadas a partir de séculos de contato com o não-índio, como forma de sobrevivência em face à sociedade envolvente.

No que tange ao sistema político, segundo Almeida (2013), os Kaingang seguem uma hierarquia de autoridades, na qual primeiramente vem o cacique⁴, que é o chefe político, a liderança maior (Pã'ibmãg), depois vêm lideranças menores (Pã'isí), que são os conselheiros, os capitães e os cabos (policimento Kaingang). Geralmente os Pã'isísão designados a exercer papel político local, colaborando com o cacique, mantendo a ordem e a disciplina entre os indígenas, mas que, podem ser nomeados à liderança maior, conforme o contexto político e a necessidade, como por exemplo, a ausência do cacique.

³ Segundo o vocabulário Kaingang, a palavra significa “homem do mato” (ALMEIDA, 2013).

⁴ Líder indígena. Termo da língua taino, de índios do Caribe, oriundos da Venezuela, que tiveram contato com os primeiros colonizadores europeus no século XVI. Essa palavra acabou sendo utilizada, no novo contexto, para designar, genericamente, os chefes ou líderes de quaisquer grupos indígenas, independentemente da etnia a que pertenciam. Os guaranis chamam, na língua nativa, o líder de Tamõi e o chefe político de Mboruvixa; os caingangues, para líder maior, Pã í mbãg ou Pay-bang/Pay, e para líderes secundários usam a palavra Pã'í ou Pay. (MP) (ARQUIVO PÚBLICO DO PARANÁ, 2009, p. 19).

ONDE ESTÁ O ÍNDIO KAINGANG NO SUDOESTE DO PARANÁ?

Os Kaingang confiam e creem plenamente no cacique, porém, tanto ele quanto as outras lideranças políticas internas de confiança do cacique não podem exercer muita autoridade sobre os demais membros da comunidade, bem como, não podem ser muito ausentes, precisam participar dos eventos políticos e socioculturais, como representante e como membro da comunidade. O cacique precisa estabelecer uma boa relação com os Kaingang e com os líderes políticos da sociedade envolvente, uma vez que seu poder é medido através do trabalho que exerce interna e externamente (ALMEIDA, 2013).

A política entre os Kaingang fica sempre a encargo dos homens, pois o sistema patrilinear muito presente na sucessão política, uma vez que o parentesco com o Pã'ibmãgé um pré-requisito importante para aspirar à função de cacique, e a ascendência do pai é primordial no sistema de parentesco, como dito por Almeida (2013, p. 93) “o filho é a imagem e semelhança do pai – é aquilo que o pai é”, e durante o tempo em que exerce a função de autoridade, o homem Kaingang impõe autoridade e tem toda a lealdade da população, visto que é uma tradição política muito respeitada entre eles.

3.1 METADES EXOGÂMICAS: KAMÊ E KAÏRU

Quanto às crenças e a cultura, os Kaingang, assim como todos os povos indígenas, têm uma vasta riqueza de valores e tradições herdadas dos seus ancestrais, das quais algumas são comuns entre diferentes etnias e outras são particularidades de cada povo indígena, fundamentando a singularidade que diferencia um povo de outro.

Entre os Kaingang, a organização política se dá também por meio da organização cultural, pois é baseada no sistema de metades exogâmicas “isto é, pela complementaridade entre os indivíduos que trazem a marca cultural conferida de Kamê e Kaïru” (ALMEIDA, 2013, p. 93). Este dualismo é parte intrínseca da cosmologia Kaingang, baseado no universo dos mitos, as metades ao mesmo tempo se opõem e se unem, diferenciam-se por pinturas, e nutrem uma relação sociocultural coesiva, por possuírem características distintas: os Kamê são perseverantes, são os que estão sempre na frente; os Kaïru tem iniciativa, mas não são persistentes. Desse modo, a divisão social em duas metades que se opõem e se complementam, presente nos grupos pertencentes ao tronco Macro-Jê, foi a base de todos os ritos socioculturais que caracterizam os Kaingang, entre eles, o casamento, que só pode ser realizado com a benção dos ancestrais quando une as duas metades, ou seja, um Kaïru só pode casar-se com uma Kamê, e vice versa (CRÉPEAU, 2006 apud ALMEIDA, 2013).

Dessa forma, como argumenta Almeida:

[...] o dualismo Kaingang manifesta-se em representações socioculturais relacionados a animais e a natureza. Os sobrenomes sempre estão associados a nomes de plantas, animais, pássaros. Além disso, as representações geométricas como os objetos compridos são relacionadas à Kamẽ, e os redondos à Kaĩru. Com efeito, as representações astronômicas também atribuem uma identidade Kamẽ ao sol (rô) e Kaĩru à lua (kyxô). Tais elementos estabelecem a organização e mantêm o dualismo (ALMEIDA, 2013, p. 94).

Castro (2011) argumenta que os dois clãs representam totemicamente o jaguar⁵, Kaĩru teria criado o jaguar acanguçu – de malhas pequenas, e seu irmão, Kamẽ, teria criado o jaguar fagnareté – de malhas grandes. Sendo assim, Kamẽ e Kaĩru correspondem aos ancestrais, que juntos, deram origem a etnia Kaingang, de modo que, nos rituais todos os Kaingang se apresentam como jaguares, os Kamẽ usam pinturas de riscos transversais no rosto, e os Kaĩru pintam-se com círculos.

Percebe-se que as duas metades são dependentes uma da outra, para juntas formarem o todo social que são os Kaingang. Sendo assim, quando as regras de casamento são desrespeitadas, e unem-se dois membros da mesma metade, a relação é considerada incestuosa, e o casamento é chamado de péin, e, seus filhos são considerados fracos, levam “nome feio” (jijikóren), e jamais poderão ser autoridades políticas (ALMEIDA, 2013).

A história de origem das metades Kamẽ e Kaĩru está relacionada ao mito dos heróis culturais, a origem de suas forças e suas fraquezas, e dessa forma, a natureza também é dividida, conforme Almeida:

Segundo a tradição geométrica Kaingang, o sol é Kamẽ e a lua é Kaĩru, o pinheiro é Kamẽ e o cedro é Kaĩru, o lagarto é Kamẽ e o macaco é Kaĩru, e assim mantêm a lógica estrutural e simbólica do grupo. Por um lado, a relação com o sol significa persistência, permanência, dureza, com os lugares baixo e objetos longos e com o mundo dos mortos. Por outro lado, a referência à lua tem a ver com o orvalho, a umidade, a mudança, a agilidade, lugares altos e objetos baixos e redondos e com o mundo dos vivos (ALMEIDA, 2013, p. 96).

Desse modo, cada marca está associada, simbolicamente, a partes da natureza, e unidas, formam o todo. A distinção da metade a qual a criança pertence é definida no nascimento, sempre respeitando o paternalismo, se o pai for Kamẽ, seus filhos também serão, e da mesma forma se o pai for Kaĩru. No caso de o pai ser não-índio/branco, os seus filhos

⁵ Um totem é o símbolo de uma tribo ou de um clã, pode ser qualquer elemento da natureza, e, geralmente representa o seu ancestral. No caso dos Kaingang, as metades Kamẽ e Kaĩru tem como símbolo o jaguar, um mamífero carnívoro da América do Sul, também conhecida como onça-pintada.

ONDE ESTÁ O ÍNDIO KAINGANG NO SUDOESTE DO PARANÁ?

serão considerados mestiços, não-puros [linguagem usada pelos próprios indígenas na aldeia], em contrapartida, sendo o pai índio puro casado com uma branca, os seus filhos serão considerados índios puros e carregarão a marca do pai, seja Kamẽ ou Kaĩru.

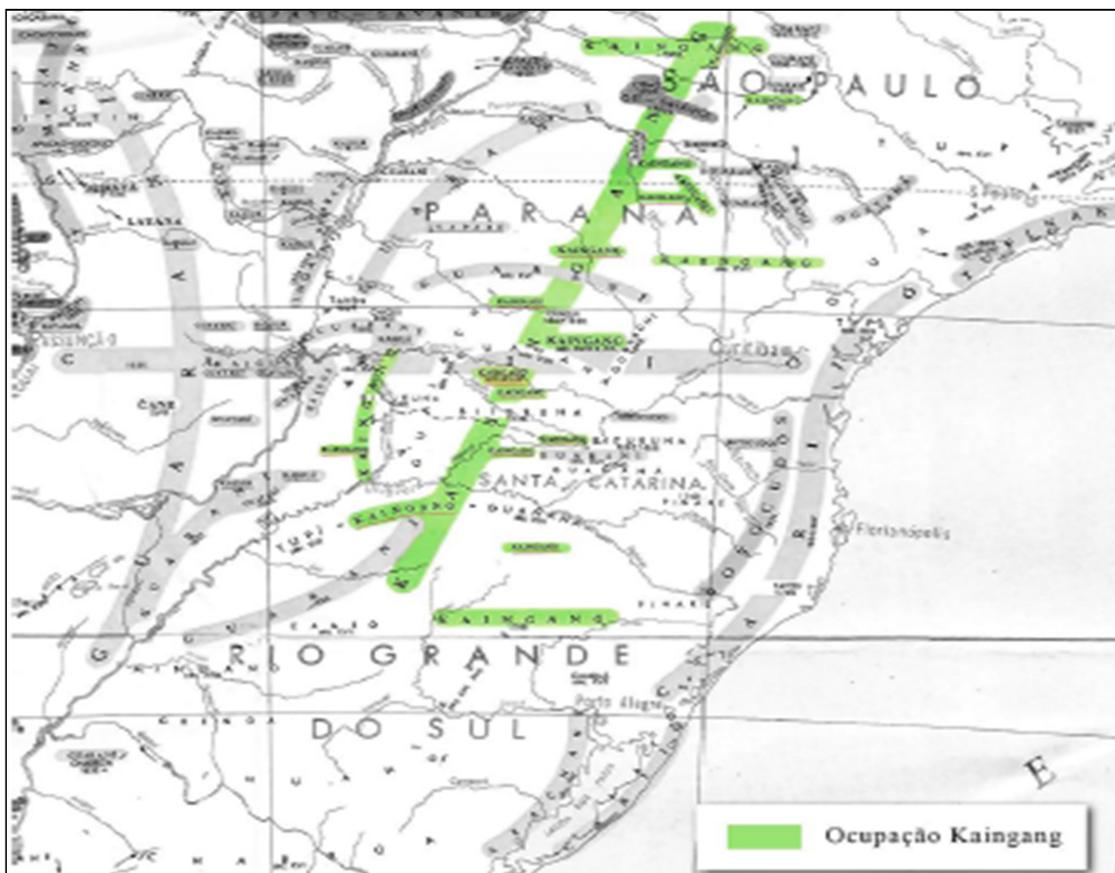
4. POVOS INDÍGENAS KAINGANG NO PARANÁ

Quando os portugueses expulsaram os espanhóis e dominaram a região de Guaíra, aproximadamente em 1585, sob as ordens do capitão Jerônimo Leitão, a grande maioria dos “carijó” (Guarani) que ali viviam foram dizimados e o pequeno grupo que restou deles foi levado pelos portugueses para os mercados de escravos em São Vicente. Foi então que os “coroados”⁶, como eram chamados os Kaingang, invadiram e povoaram a região, onde seu domínio tribal prevaleceu por mais de 200 anos (PIRES, 1975).

Entre os séculos XVI e XVII, os portugueses instalaram a economia mineradora entre Paranaguá e Curitiba, onde exploravam o trabalho indígena, sendo nesse período os “carijó” do litoral e os “coroados” do interior. Então, no século XVIII, o uso do trabalho indígena Kaingang passa a ser usado também na criação de gado, em fazendas instituídas nas regiões meridionais, formando por onde passava o “caminho das tropas”, que ligava o Rio Grande do Sul a Sorocaba (SP), passando por Jaguariaiva, Piraí do Sul, Castro, Ponta Grossa, Palmas, Campo Largo, Lapa, no Paraná e Lages, Santa Catarina (PIRES, 1975).

Assim, ao passarem por essas regiões, trazidos inicialmente pelos portugueses, os Kaingang foram povoando o local e migrando para regiões próximas, formando o chamado corredor cultural Kaingang, como mostra o Mapa 2 a seguir.

⁶ “Designação dada a grande parte dos índios caingangues até a década de 1870, na província do Paraná, devido à tonsura na parte superior dos cabelos. Os caingangues faziam esse corte desde o início do século XVII, depois do contato com religiosos da Província *Del Guairá*. Afinal, das quinze reduções jesuíticas que existiram nessa região, entre 1610 e 1631, que compreendia praticamente todo o interior do atual território do Paraná, quatro tinham composição majoritária de índios jês, na época com diferentes denominações, como gualachos, camperos, cabeludos, entre outros” (ARQUIVO PÚBLICO DO PARANÁ, 2009, p. 21)



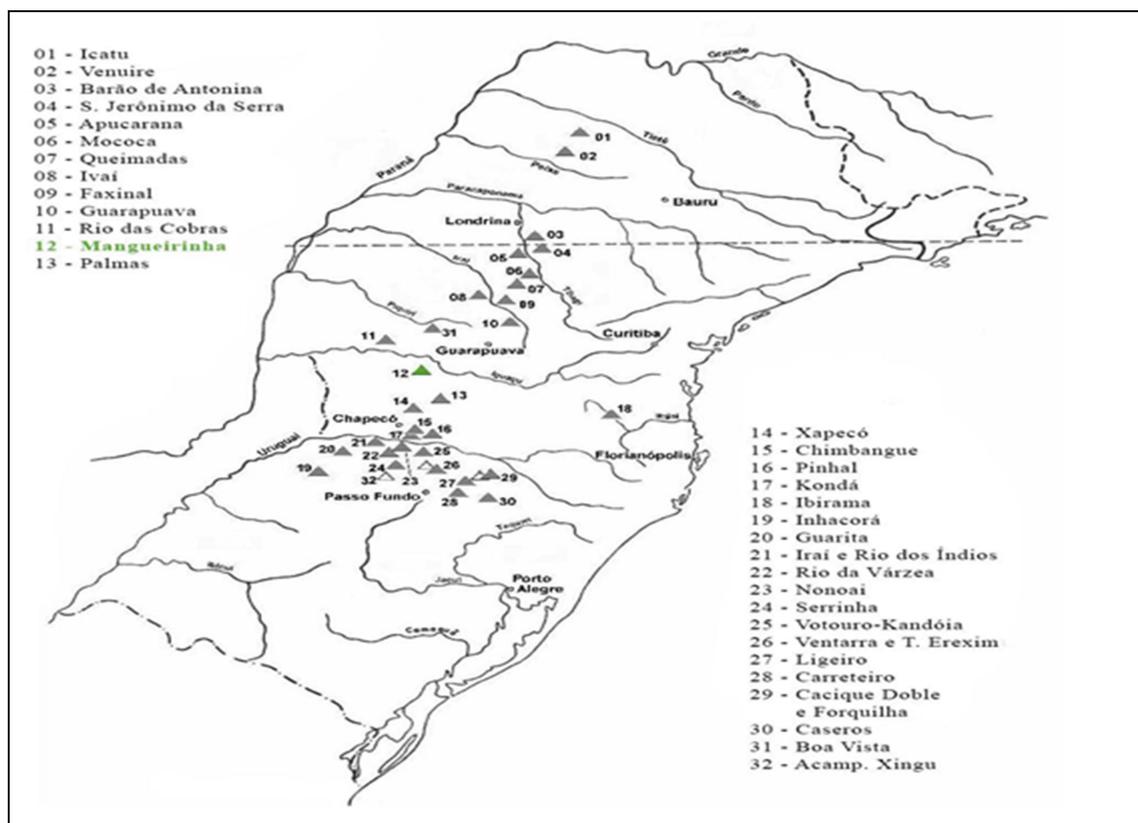
Mapa 2 - Ocupação Kaingang no Brasil Meridional.
Fonte: Almeida (2013, p. 88).

Os criadores de gado buscavam então estabelecer um caminho mais próximo entre o litoral e os sertões, e constataram que o melhor caminho era através dos campos de Guarapuava, logo, o ministro D. João VI ordena a conquista do local. Entretanto, os portugueses se depararam com um grupo Kaingang que resistia ao povoamento de Guarapuava, e realizavam ataques aos colonizadores, forçando o governo a criar reservas para reunir os índios em aldeamentos, com o intuito de proteger os brancos, e “civilizar” os indígenas de forma cristã (PIRES, 1975).

O refúgio encontrado pelos Kaingang era nos campos de Palmas, que não demorou muito a ser colonizado pelos portugueses, que agiram ali da mesma forma que fizeram em Guarapuava: atraíram uma etnia indígena e a fizeram lutar contra as outras, afirmando que lhes dariam um pedaço de terra, e depois expulsaram até mesmo as tribos “aliadas”, levando-as para aldeamentos. O grupo que conseguiu fugir e se refugiar na região do Covó são os antepassados dos Kaingang que hoje habitam a TI de Mangueirinha.

ONDE ESTÁ O ÍNDIO KAINGANG NO SUDOESTE DO PARANÁ?

O Mapa 3 a seguir ilustra o corredor Kaingang formado pela migração dos Kaingang para o Sul desde o século XVII, e, como estão distribuídas as suas TI atualmente:



Mapa 3 - Localização das TI Kaingang no Sul do Brasil

Fonte::D'Angelis e Veiga (2010) *apud* Almeida (2013).

A partir do mapa 3 nota-se onde estão localizadas as TI Kaingang nos três estados do Sul do Brasil, percebe-se que estão no centro do mapa [denominado pelos estudiosos de corredor Kaingang], muito próximas umas das outras, visto que os Kaingang não são nômades, não vagam por territórios diferentes. Depois de se fixarem na Região Meridional, só se deslocaram por motivos internos diversos, e para locais próximos (ALMEIDA, 2013).

Segundo Almeida (2013, p. 100) existem atualmente 13 Terras Indígenas (TI) Kaingang no Paraná: “TI Apucarana, TI Barão de Antonina, TI Faxinal, TI Ivaí, TI Marrecas, TI Queimadas, TI Rio das Cobras, TI São Jerônimo, TI Tibagy/Mococa, TI Yvyaporã Laranjinha, TI Mangueirinha e TI Palmas”. Destas, as duas últimas situam-se no Sudoeste do Paraná.

A mesorregião Sudoeste do Paraná, que está localizada no Terceiro Planalto Paranaense, foi uma das últimas áreas de ocupação do Estado e se caracteriza como importante reduto da agricultura familiar. Faz fronteira com a Argentina a oeste e, ao sul, com

o Estado de Santa Catarina. É composta por 42 municípios, entre os quais se destacam Pato Branco, Francisco Beltrão e Dois Vizinhos pelas suas dimensões populacionais e seus polos de desenvolvimento (IPARDES, 2004).

5. REGIÃO SUDOESTE: ONDE ESTÃO OS KAINGANG?

É comum ouvirmos vez ou outra as pessoas falarem das populações indígenas de forma generalizada, atribuindo uma definição a todas as etnias como se constituíssem uma única, ignorando as diferenças entre elas. Luciano (2006) atribui este fato a visão romantizada que a literatura escolar oferece sobre as populações indígenas, dando pouca ênfase às particularidades de cada povo e ignorando as mudanças que ocorreram na realidade dos povos indígenas desde os anos de colonização.

Este foi o primeiro assunto que surgiu em uma conversa informal na TI Mangueirinha, com alguns professores indígenas da Escola Estadual Indígena Kokój, os pré-conceitos da sociedade envolvente sobre os indígenas em contraste com o pouco conhecimento que esta sociedade possui sobre os povos originários, especialmente da realidade atual. A Escola Kokój está localizada na Aldeia Sede, possui 260 alunos e oferece ensino desde o fundamental até o médio, conta com um corpo docente de 14 professores indígenas e 22 não-índios. Por ser uma edificação grande e nova a escola funciona também como um centro de eventos, é onde a comunidade se reúne para reuniões e para as festas. Entre uma conversa e outra sobre as crianças que estavam por ali, uma das professoras, que aqui está identificada como Entrevistada 1, faz uma observação importante:

O branco só procura o índio quando precisa, nunca nenhum branco veio aqui por que queria conhece e entende nossa cultura, só quando tem que escrever sobre a gente nas universidade (Entrevistada 1).

A entrevistada fala ainda sobre o preconceito que sofreu enquanto estava cursando faculdade na cidade, quando ouvia dos colegas que ela “não parecia índia” e questionamentos do tipo “o que o índio faz?” ou “para quê serve o índio?”. Estas situações remetem as reflexões de Pimenta (2009), de que existe uma pressão do sistema não-indígena para que o índio e seus hábitos se tornem o mais semelhante possível da sociedade envolvente, porém quando isso acontece os indígenas passam a ser vistos como “menos índios”, por não cultivarem mais os hábitos que os seus ancestrais tinham, que, na visão eurocêntrica, era o que os caracterizavam como índios.

ONDE ESTÁ O ÍNDIO KAINGANG NO SUDOESTE DO PARANÁ?

Relatos dos mais velhos contam como a rotina da comunidade tem se modificado ao longo dos anos, as atividades de coleta e confecção artesanal para a venda que antigamente ocupava os homens e mulheres indígenas, hoje, já não é tão significativa, como relatam os Entrevistados 2 e 3:

Teve um tempo que nós ia e coletava o pinhão, na época certa que ele cai do pé, e já tinha um comprador certo, todo ano nós vendia tudo pra ele, dava bastante, um que outro que ia vende na estrada, por que vendia bem também, mas hoje não vende, já nem tem mais tanto pinhão e ficar na estrada vendendo hoje não da nada. A gente tem pra vende aqui, pra quem vem e pede, mas é poca coisa (Entrevistado 2).

Artesanato tem, mas é mais assim pra expor nas festas, tem as mulheres que fazem pra vende na cidade, mas que nem nós tinha o centro de exposição ali que ficava cheio não tem mais (Entrevistado 3).

Mesmo com as mudanças socioculturais, os professores indígenas fazem questão de ensinar os hábitos tradicionais para as crianças na escola, realizam atividades práticas para reconhecer as ervas e os frutos mais usados na medicina e culinária indígenas, ensinam a confecção de artesanatos, as pinturas corporais e as danças. Como argumenta a Entrevistada 1, os adultos não esperam que as crianças tenham os mesmos hábitos que os seus antepassados e nem querem isso, essas atividades são formas de manter a ligação deles com as suas origens, para que eles entendam a sua própria história:

A gente tenta trabalhar o máximo com as crianças, por que pra eles é complicado, convivem muito com o branco e a gente sabe que algumas tem vergonha de ser índio, por que escutam muita coisa errada lá fora, então nossa intenção é trabalhar pra que eles tenham orgulho de ser índio.

Percebe-se claramente que os indígenas buscam a valorização da cultura, embora o contato com a sociedade envolvente seja cada vez maior de forma alguma significa o abandono de suas origens, trata-se de uma questão de necessidade. Garlet e Bellini (2009) argumentam que os indígenas se deslocam para os centros urbanos com vistas a buscar conhecimento e educação profissional nas universidades, empregos fixos, acesso a saúde, articulação política e ainda para vender os produtos de sua coleta e artesanato.

O fato de haver indígenas interagindo nos centros urbanos, e contribuindo socioculturalmente com o desenvolvimento regional, muitas vezes passa despercebido aos olhos da sociedade nacional, eles acabam se tornando invisíveis, possivelmente pelo pouco conhecimento sobre os povos indígenas, como sugerem Pimenta (2009) e Luciano (2006).

Entre os Kaingang da TI Mangueirinha, o maior número de indígenas que se deslocam para os centros urbanos são os que trabalham nas grandes empresas manufatureiras

da região: Atlas Indústria de Eletrodomésticos, Frango Seva/Agrogen, Frigorífico Aurora e Coasul Cooperativa Agroindustrial. Estes indígenas continuam residindo na TI e se deslocam diariamente para trabalhar com transportes coletivos cedidos pelas empresas. Na grande demanda das empresas por mão de obra surgiu a oportunidade para aqueles que não pretendiam seguir trabalhando na agricultura, que é a via econômica prevaiente dentro da TI.

Há também vários indígenas cursando ensino superior em diversas universidades: Universidade Estadual do Centro-Oeste – Unicentro, Universidade Estadual de Ponta Grossa - UEPG, Universidade Estadual de Maringá - UEM, Universidade Federal Fronteira Sul – UFFS, Faculdade Unilagos e Faculdade de Pato Branco – FADEP, destes, a grande maioria reside na TI, e alguns acabaram optando por morar na cidade até concluir o curso.

Alguns Kaingang também estão inseridos em empregos públicos, através das prefeituras locais, concursados como motoristas, professores e Agentes Comunitários de Saúde – ACS, professor estadual concursado, além daqueles professores estaduais que trabalham através de Processo Seletivo Simplificado – PSS.

Dentro da TI Mangueirinha existe a Associação de Produtores Indígenas de Mangueirinha – APROIMA, através da qual os indígenas produzem 42 alqueires de terra e, para tanto, estão constantemente ligados ao comércio agrícola local, tanto para compra de insumos necessários quanto para a venda do seu produto final.

A ligação ao comércio se dá também pelos indígenas que trabalham em lojas e supermercados das cidades próximas, além da ligação pelo consumo, pois os produtos industrializados consumidos dentro da TI são obtidos pelo comércio local. O deslocamento para as cidades vizinhas é facilitado pela rodovia BR-373 [além da rodovia estadual PR-281] que corta a TI, por onde passam ônibus que dão acesso aos municípios de Mangueirinha, Chopinzinho e Coronel Vivida.

ONDE ESTÁ O ÍNDIO KAINGANG NO SUDOESTE DO PARANÁ?

Desta forma, a Figura 1 abaixo resume os locais em que o índio Kaingang está presente no Sudoeste do Paraná:

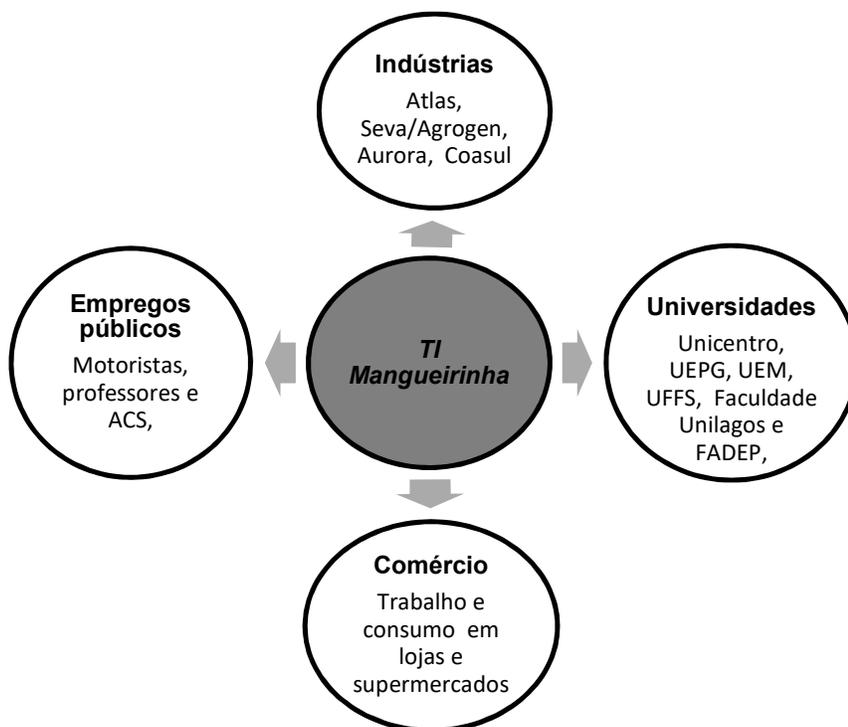


Imagem 1- Locais em que o índio Kaingang está inserido no Sudoeste do Paraná.
Fonte: Dados coletados e organizados pelos pesquisadores.

Percebe-se o grande envolvimento dos indígenas Kaingang com a sociedade envolvente, no entanto, destaca-se que não se trata de nenhum processo de aculturação, muito menos de descaracterização da identidade Kaingang. Este contato vem ocorrendo há muito tempo, faz parte do processo de hibridação cultural defendido por Canclini (2008), pelo qual todas as sociedades passam ao entrar em contato com outras, em que sua identidade cultural não é perdida, mas sim ressignificada pela dinâmica de interação.

É visível a busca crescente dos Kaingang da TI Mangueirinha pelo empoderamento social e político de seu povo, que, desde os tempos de colonização foi negado pelo colonizador europeu. A articulação cada vez maior com a sociedade envolvente é uma estratégia efetiva de resistência, pois, eles estão buscando fora de suas terras conhecimento e entesouramento para manter sua cultura, conforme sugerem Garlet e Bellini (2009), visto que, atualmente, a vida restrita apenas aos hábitos tradicionais já não faz sentido, é preciso interagir, dialogar, participar, inovar, reinventar para resistir.

No entanto, grande parte da sociedade não percebe esta articulação interétnica dos indígenas nos centros urbanos como uma forma contemporânea de manifestação e resistência cultural, o estereótipo folclórico do que é ser índio, e do que faz o índio, ainda é muito presente entre a população brasileira, e faz com que existam preconceitos quanto ao indígena contemporâneo. Para Luciano (2009) esta distância entre o real e o simbólico é reflexo, principalmente, da releitura histórica acerca dos povos indígenas, que pauta, sobretudo, o período de colonização. O conhecimento e o reconhecimento da importância dos povos indígenas para o Brasil devem ser sim, priorizado, contudo, há uma lacuna importante na história sobre o indígena moderno que precisa ser compreendido sociologicamente e reconhecido pelo Estado nacional com políticas públicas efetivas para garantir a diversidade cultural e os direitos dos povos indígenas.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os povos indígenas passaram por grandes transformações desde o período da colonização, houve uma grande hibridação cultural, sobretudo entre aqueles povos que mantêm contato direto com a sociedade envolvente. Muitas dessas mudanças foram impostas pelo colonizador europeu, no entanto, atualmente o indígena contemporâneo têm se transformado estrategicamente, como meio de adaptar e manter sua cultura, como é o caso dos indígenas Kaingang da TI Mangueirinha, que vem buscando meios externos de conservar sua identidade.

A pesquisa revelou que os indígenas sentem-se desvalorizados pela sociedade envolvente que, por diversas vezes, não os reconhecem enquanto índios quando estão exercendo atividades fora da TI, por possuírem um pré-conceito daquilo que julgam ser a forma correta de “ser índio”. Esta realidade enfrentada pelos indígenas é decorrente do pouco conhecimento, ou do conhecimento precário que os não-índios dispõem acerca das populações indígenas contemporâneas, do seu modo de vida e da sua cultura na atualidade.

Quanto à presença e o envolvimento do Kaingang fora da TI Mangueirinha, constatou-se que as principais atividades desenvolvidas por eles na região estão normalmente associadas a funções em empresas locais, no comércio, nas escolas e nas prefeituras, e como estudantes de curso superior nas faculdades e universidades. Logo, isto torna evidente a contribuição da população Kaingang com o desenvolvimento econômico e social da mesorregião Sudoeste do Paraná, além do desenvolvimento interno da TI Mangueirinha.

ONDE ESTÁ O ÍNDIO KAINGANG NO SUDOESTE DO PARANÁ?

Para finalizar, com base nos dados da pesquisa, pode-se dizer que os Kaingang estão presentes, sobretudo nas atividades econômicas e educacionais do Sudoeste do Paraná, assim, participando ativamente no processo de desenvolvimento regional.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Antônio C. **Da aldeia para o Estado: os caminhos do empoderamento e o papel das lideranças Kaingang na conjuntura do movimento indígena.** Tese de doutorado em Ciências Sociais. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2013.

ARQUIVO PÚBLICO DO PARANÁ. **Catálogo seletivo de documento referente aos indígenas no Paraná provincial: 1871–1892.** Curitiba, 2009.

CANCLINI, Nestor. As culturas híbridas em tempos de globalização. In: **Culturas híbridas.** 4 ed. São Paulo: Edusp, 2008.

CASTRO, Paulo Afonso de Souza. **Angelo Cretã e a retomada das terras indígenas do sul do Brasil.** Curitiba: UFPR, 2011. Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-graduação em Antropologia Social. Defendida em 30/08/2011.

Fundação Nacional do Índio – Funai. **Índios no Brasil, quem são?.** Disponível em: <http://www.funai.gov.br/index.php/indios-no-brasil/quem-sao?limitstart=0#>. Acesso em 30 de jun. 2015.

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). **Os indígenas no Censo demográfico de 2010: primeiras considerações no quesito cor ou raça.** Rio de Janeiro: IBGE, 2012.

Instituto Paranaense de Desenvolvimento Econômico e Social – IPARDES. **Leituras Regionais: mesorregiões geográficas paranaenses: sumário executivo.** Curitiba: IPARDES, 2004.

Instituto Socioambiental – ISA. **Povos Indígenas no Brasil, Kaingang.** Disponível em: <http://pib.socioambiental.org/pt/povo/kaingang>. Acesso em 29 de jun. 2015.

MARACCI, Marilda Teles. A luta indígena e a cidade: A sociedade envolvente. **GEOGRAFARES: n° 6,** 2008.

PIMENTA, Rosely Pereira Barbosa. **Atribuição de responsabilidade da atual situação do índio e o preconceito contra os povos indígenas brasileiros.** Dissertação (mestrado) – Universidade Católica de Goiás, Departamento de Psicologia, 2009.

PIRES, Maria Ligia Moura. **Guarani e Kaingang no Paraná: Um estudo de relações intertribais.** Tese de mestrado em Antropologia Social. Universidade de Brasília, Brasília, 1975.

RICHARDSON, Roberto J. **Pesquisa social: métodos e técnicas.** 3 ed. São Paulo. Atlas, 1999.